

# Sinais de explosão

*Gaudêncio Torquato*

As denúncias de irregularidades na licitação promovida pelo Ministério do Exército, as críticas do presidente Collor à parcela do empresariado, as altíssimas taxas de juros, o clima de perplexidade que se observa em diversos setores, particularmente na área produtiva, constituem o fermento de uma massa de instabilidade que ameaça invadir amplos espaços sociais. Juntam-se, nesse laboratório de incertezas, insatisfações internas, como as dos bolsões das casernas, com contrariedades externas, como as que estão sendo impulsionadas pelo setor produtivo. Forças centrípetas e centrífugas, unidas no caldeirão de uma oposição enraivecida, aceleram a possibilidade de uma explosão. O estopim pode ser, por exemplo, a quebra de rua e esta não fica muito longe, quando o desemprego em massa inicia sua escalada.

É claro que esses sinais não são vistos por Brasília, pois o Planalto brasileiro, historicamente, tem sido uma ilha de poderes, cercada de insensibilidade por todos os lados. Na planície paulista, por exemplo, pode-se enxergar uma movimentação estranha e anormal. Empresários de todos os naipes falam abertamente em desobediência civil, acenando com a possibilidade de deixar de pagar os tributos legais. Setores se mobilizam e fazem ácidas críticas ao Go-

verno. Trabalhadores sentam-se ao lado de patrões para fazer o mesmo tipo de análise e defender posições homogêneas. A mídia, ao dar vazão ao clima, puxa maiores doses de insatisfação.

Este parece ser o momento decisivo do Governo Collor. Imaginava-se que o País, após o tumultuado leilão da Usiminas, começasse a respirar novos ares e partisse para uma caminhada de normalidade. Até se esperava que o salto da modernidade, dado sobre o muro da Usiminas, fosse o marco esperado para o País fechar o acordo com o FMI. Quando se trabalhava com essa hipótese, eis que o mercado recebe o impacto do aumento brutal da taxa de juros pelo BC. A surpresa é maior, quando se leva em consideração recente declaração de Francisco Gros, na Fiesp, em São Paulo, prometendo evitar novos sustos na economia. Isto é, o Governo corrói suas últimas reservas de credibilidade.

A movimentação paulista começa a abarcar o universo das entidades organizadas e tem como objetivo mobilizar a população contra a política recessiva do Governo. Trata-se de uma campanha que tem o dedo de muita gente interessada em se aproveitar politicamente das circunstâncias. O pior é que o Governo não tem se motivado para descer o Planalto e

sentir, no terreno das realidades mais imediatas, as agruras dos pequenos e médios empresários. Do parque industrial paulista, mais de 100 mil integram a cadeia das pequenas e médias empresas industriais. O alto custo do dinheiro deixa em completa revolta uma multidão inserida nos grupamentos de formação de opinião.

O presidente Collor certamente é um homem bem-intencionado. Diz-se que é determinado e não pretende abrir mão das grandes linhas que inspiram seu Governo. Ocorre que sua política econômica não está sendo eficaz. Os resultados esperados por sua equipe econômica são contrários aos previstos. Portanto, há algo errado que precisa ser remediado. O ministro Márcílio pode significar boa ponte com os credores internacionais. Mas tem sido um desastre internamente. Não diz o que pensa e não responde ao que ouve. É um simulacro. E, como tal, coloca muita bala na pontaria dos setores produtivos. Pior: deixa-os sem interlocução. Nenhum País progride sem a colaboração e a integração das forças produtivas. Não é possível imaginar que a culpa toda seja jogada sobre os ombros do empresariado. É como em uma sala de aula: quando todos os alunos são reprovados, a culpa acaba caindo sobre o professor.